



FRAGMENTOS DE UM MESMO HOMEM

RICARDO SOMA

© 2025 Ricardo Soma

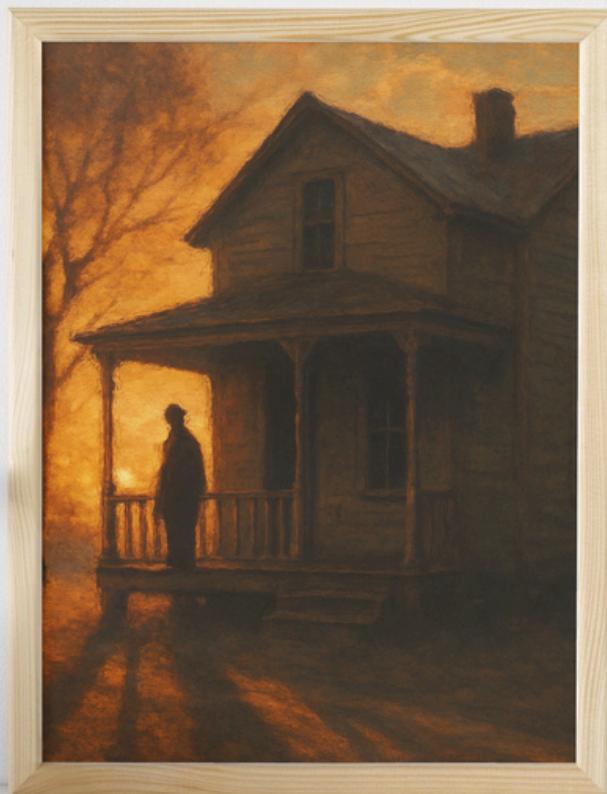
Este conto é uma obra de ficção. Quaisquer semelhanças com pessoas, locais ou eventos reais são meramente coincidência.

Distribuição livre para fins de entretenimento.

Todos os direitos reservados.

Sumário

- **14 de Outubro – A Casa**
- **15 de Outubro – O Velho**
- **16 de Outubro – As Histórias**
- **17 de Outubro – Segunda Voz**
- **18 de Outubro – Reflexo que ficou**
- **19 de Outubro – Agora sou eu**



14 de Outubro – A Casa

*Hoje, eu me perdi.
Ou talvez tenha sido de propósito.
Eu realmente não sei mais.*

*O céu parecia pesado, como se carregasse
lembranças que não queria deixar cair. Um tom
opaco de cinza cobria tudo, e o vento, frio e
cansado, empurrava as folhas secas pelas calçadas.*

*Eu só queria andar. Fugir do barulho do mundo,
do peso das expectativas, do constante desejo de
estar em outro lugar que nem sei se existe.
Foi quando a encontrei.*

“A casa.”

*Ela surgiu do nada. Uma construção antiga,
isolada, meio escondida por árvores retorcidas e
um portão enferrujado. Nenhum som vinha de
dentro, mas ainda assim, havia algo nela que me
puxava.*

Como se o tempo ali tivesse se esquecido de passar.

Era o tipo de casa que parece observar, silenciosa e imponente. A madeira estava escura, marcada por anos de chuva e abandono. As janelas, opacas pela sujeira, refletiam a luz fraca do entardecer como olhos vidrados. Mas havia algo... um calor estranho vindo dali.

Eu hesitei. Mas meu corpo parecia já ter tomado a decisão. O portão rangeu com um som melancólico quando o empurrei, e a varanda rangia sob meus pés como se sussurrasse alertas do passado.

A porta estava entreaberta.

Não havia som lá dentro. Apenas uma quietude tão intensa que era quase viva. E um aroma — chá quente, madeira antiga, talvez canela. O tipo de cheiro que te faz pensar em tardes longas e esquecidas.

Quando empurrei a porta, o rangido ecoou como um anúncio.

Do outro lado, sentado à mesa de madeira, estava um velho.

*Ele segurava uma caneca com as duas mãos,
soprando o vapor que subia em espirais delicadas.
Seus olhos, fundos e sábios, me notaram com
surpresa — mas não com medo.*

*Ele arqueou as sobrancelhas e, por um instante,
apenas me olhou.*

*— Ora... — murmurou, com a voz rouca e calma —
Não esperava por visitas.*

*Houve um momento de silêncio, como se a casa
estivesse esperando minha reação.*

*— Mas que bom que veio — continuou ele, com um
sorriso sutil nos lábios. — Entre, sente-se. Eu
estava justamente preparando mais uma xícara.*

*Tudo em mim gritava para sair, para não confiar,
para não ultrapassar aquela soleira. Mas havia
algo naquela voz. Uma serenidade tão profunda
que parecia... familiar.*

Sentei.

A madeira da cadeira rangeu sob meu peso, e ele me serviu chá com as mãos trêmulas, mas firmes. O silêncio se tornou confortável, como se a casa nos envolvesse em sua própria forma de hospitalidade.

— É raro alguém encontrar esse lugar — disse ele, servindo-se de mais um pouco. — E quando encontram... bem, é porque estão prontos para ouvir.

— Ouvir o quê? — perguntei, sem perceber que minhas mãos já envolviam a xícara quente.”
O velho me olhou com um brilho nos olhos. Algo entre mistério e saudade.

— Minha história.

Fez uma pausa. O vapor do chá subia entre nós como se separasse dois tempos diferentes.

— E, quando eu terminar, talvez você entenda por que está aqui.

Ali, naquele instante silencioso entre um gole e outro, comecei a sentir que aquele encontro não era um acaso. Que aquela casa... não era apenas uma casa.

Era uma porta.

E eu a havia atravessado.

15 de Outubro – O Velho

*Ainda estamos aqui.
Eu e ele.*

*Na mesma casa. No mesmo instante que parece
congelado.*

*Não sei o que me prende. Algo entre o cheiro do
chá, o som abafado da casa antiga, e os olhos
daquele velho que me olham como se já me
conhecessem. Há perguntas demais em mim, mas
não sei por onde começar.*

*Talvez seja o jeito como ele fala.
Ou o jeito como ele não pergunta quem sou.
Como se já soubesse.*

- Então você entrou, como eu — ele diz, ajeitando a xícara entre os dedos. As mãos são velhas, marcadas, mas firmes. — A casa te escolheu.
- Isso não faz sentido — resmungo.
- Pouca coisa que importa realmente faz.

Ficamos um tempo em silêncio. Lá fora, o vento parece conversar com as árvores. Aqui dentro, só o estalar do fogo na lareira que ele acendeu antes de eu chegar — ou será que já estava acesa? Nem percebi.

— *Eu só... estava andando — continuo, tentando lembrar o momento exato em que meus pés me trouxeram até aqui. — Vi a casa. Senti que... devia entrar.*

— *Sentir é mais verdadeiro que saber, às vezes — ele responde. — Quando fui trazido até ela, achei que fosse por acaso também. Mas depois... (seus olhos se perdem por um instante)*
— ...*depois percebi que algumas portas não aparecem para todos.*

Me arrepiei. E não foi pelo frio.

— *Você está dizendo que isso... tudo isso... é o quê? Um tipo de destino?*

— *Não.*

— *Então o que é?*

Ele me olha nos olhos. Longamente. Como quem mede palavras que pesam.

— É inevitável.

A frase cai entre nós como uma pedra num lago calmo.

— *Mas por quê eu?* — pergunto, a voz mais baixa.

— *Eu não sou nada. Só... um garoto que não sabe onde está.*

Ele sorri, quase triste.

— *Todos começam assim. Achando que são só um garoto. Mas o tempo...*

sua voz baixa um pouco)

— ...o tempo mostra quem você realmente é.

Levanta-se com cuidado, vai até um aparador antigo coberto por uma toalha bordada, e abre uma gaveta. Retira algo pequeno e volta à mesa.

Coloca à minha frente.

Um espelho. Antigo, ovalado, em moldura de prata escurecida.

Olho para ele, confuso.

— Isso é uma metáfora? — pergunto.

— Não. É só um espelho.

Me olho. Mas algo... não está certo. Por um instante, achei ver outro reflexo. Não o meu. Ou talvez uma versão minha que ainda não conheço.

Pisco. Volta ao normal.

Levanto os olhos, ofegante.

— O que foi isso?

— Fragmentos — responde ele. — Daquilo que ainda dorme em você.

— Está brincando comigo.

Ele nega, gentil. Como quem entende minha negação.

— Ninguém entra aqui por acaso. E ninguém sai o mesmo.

O velho volta à cadeira. Suspira, longo.

— *As histórias... são como sementes. Elas brotam no tempo certo. A minha... precisa ser contada. E você... precisa escutá-la.*

— *Por quê?*

— *Porque ela é sua também. Ainda que você não se lembre. Ainda que pareça impossível.*

O calor do fogo me embala, mas não tira o peso daquelas palavras. Lá fora, o vento sopra mais forte.

Aqui dentro, tudo parece parado.

*Mas dentro de mim...
algo começa a se mover...*

Por algum motivo que não sei explicar, não consegui tirar os olhos do espelho por mais alguns segundos. Não era só um reflexo. Era quase como uma lembrança. Mas... de algo que ainda não vivi.

Me afastei da mesa, devagar. Não com medo — ainda não — mas com a sensação de que, ao ficar ali por mais tempo, eu deixaria de ser quem era.

— *O que está acontecendo aqui?* — perguntei, com a voz mais fraca do que gostaria.

O velho não respondeu de imediato. Ele virou a xícara entre os dedos, observando o líquido que ainda fumegava, como se as respostas estivessem ali, dissolvidas no chá.

— *Há lugares que são cruzamentos — ele começou, por fim. — Pontos onde as histórias se entrelaçam. Onde o tempo escorrega e se funde. Essa casa é um deles.*

— *Isso não faz sentido — rebati, mas minha convicção já estava manchada pela dúvida.*

— *Ainda não. Mas fará.*

Ele então se levantou de novo, com a mesma lentidão tranquila, e caminhou até uma estante encostada na parede. Não peguei todos os detalhes antes, mas agora reparei: havia dezenas de cadernos ali. Todos com capas semelhantes, desgastadas, como diários antigos.

Ele puxou um ao acaso e folheou algumas páginas. Seus olhos passeavam pelas linhas como quem revisita um velho amigo.

- *Sabe o que acontece quando alguém entra aqui?*
- *perguntou, sem tirar os olhos do papel.*

- *Não — respondi, com sinceridade.*

Ele me encarou.

- *Ela mostra quem você foi. Quem você será. E às vezes... quem você tentou esquecer que é.*

Engoli em seco.

- *E você... já viu isso tudo?*

Ele fechou o caderno com cuidado.

- Eu vi o suficiente. Mas o que realmente importa... ainda está sendo escrito.
- Por mim? — perguntei.
- Por nós.
- A resposta me atingiu com o peso de um martelo envolto em seda. Sutil, mas impossível de ignorar.*
- Você vai entender com o tempo — ele continuou.
- E vai ter que decidir: ficar... ou partir.

Me encostei de novo na cadeira, tentando processar o que ele dizia. Parte de mim ainda queria achar uma explicação lógica. Um sonho. Um delírio. Mas tudo ali era tão sólido... tão absurdamente real.

- E se eu quiser ir embora agora? — perguntei.

Ele sorriu.

- A porta ainda está onde você a deixou. Mas... uma vez que você escutou as primeiras palavras da história...
- (ele fez uma pausa)
- ...é difícil silenciar o restante.

Ficamos ali por um tempo, só com o som da casa ao nosso redor — o ranger da madeira, o leve crepituar do fogo, o farfalhar do vento lá fora.

Depois de um tempo, ele me ofereceu mais chá. Eu aceitei.

— Pode começar — disse eu.

— O quê?

— Sua história.

Ele assentiu com a cabeça, como quem já esperava por isso.

— Quando eu tinha sua idade...

16 de Outubro – As Histórias

Naquela manhã — se é que era mesmo manhã — o velho começou a falar.

Sua voz não era só som...

Era quase um tecido...

Um fiapo de memória costurado entre os móveis da casa, entre as paredes manchadas pelo tempo.

— Quando eu tinha sua idade — disse —, existia uma outra casa. Não tão diferente desta. Ela também era antiga. Também tinha portas que pareciam levar pra mais do que cômodos.

Olhei em volta, em silêncio.

Havia algo na forma como ele dizia "outra casa" que fazia esta parecer apenas uma repetição de algo maior.

— Eu não morava nela — continuou —, mas vivia fugindo pra lá. Toda vez que o mundo lá fora me parecia duro demais, ou vazio demais, ou silencioso demais, meus pés me levavam até aquela porta. E ela sempre se abria. Nunca com chave. Nunca com esforço. Ela me deixava entrar.

— E lá dentro...?

Ele suspirou, como quem volta a um lugar que amou e perdeu.

— Lá dentro, eu sentia... calma. Um tipo estranho de paz, que não cabia no resto da minha vida. Mas com o tempo, comecei a notar que cada visita deixava algo de mim para trás.

— Como assim?

— É difícil explicar. Uma lembrança aqui, uma emoção ali. Pequenos pedaços. Quando me dei conta, eu já não sabia exatamente quem eu era fora dali. A casa havia me moldado. E, ao mesmo tempo, eu moldava a casa.

Por um momento, ele pareceu triste. Ou talvez só cansado.

— Foi quando comecei a escrever — disse ele. — Não pra me lembrar, mas pra não me perder.

Ele apontou para os cadernos na estante.

— Cada um desses guarda partes da minha história. Ou daquilo que me tornei enquanto vivia entre as paredes da casa.

Por um momento, ele pareceu triste. Ou talvez só cansado.

— Foi quando comecei a escrever — disse ele. — Não pra me lembrar, mas pra não me perder. Ele apontou para os cadernos na estante.

— Cada um desses guarda partes da minha história. Ou daquilo que me tornei enquanto vivia entre as paredes da casa.

Me aproximei da estante. Os cadernos não tinham títulos. Apenas datas. Algumas tão antigas que pareciam impossíveis. Outras... muito próximas da minha.

Toquei um deles.

A data na capa: 15 de Outubro.

— Esse dia... — comecei.

— Sim. Está escrito. Tudo está.

Virei algumas páginas. O texto era calmo, bonito, íntimo. E assustadoramente familiar.

— Essas palavras... — sussurrei. — São as minhas.

O velho assentiu.

— *Porque você está aqui. E porque já esteve.*

O ar ficou mais denso.

— *Eu não entendo.*

— *Entender vem depois. Primeiro, é preciso lembrar.*

Fechei o caderno, a mente girando.

— *Então... essa casa... é um tipo de ciclo?*

— *É um espelho — corrigiu ele. — Ela reflete aquilo que você não está pronto pra ver.*

— *E o que acontece quando estou pronto?*

Ele me olhou, sério. Pela primeira vez, senti um peso real nos olhos dele.

— *Você se torna parte dela.*

Deixei o caderno de volta na estante com mãos trêmulas. Havia algo profundamente errado — ou profundamente verdadeiro — naquela situação. Ainda não sabia qual. Só sabia que, desde que entrei, não era mais só um visitante.

— *Eu escrevi isso? — perguntei, encarando o velho.*

— *Ainda não — ele respondeu. — Mas escreverá.*

Voltei a me sentar. O chá havia esfriado, mas o calor da lareira persistia. Era como se o tempo ali não congelasse... apenas ignorasse o que vinha de fora.

— *E se eu quiser sair? Voltar pra minha casa, pra minha vida?*

— *Você pode tentar — disse ele, sem ironia. — A porta continua aberta.*

— *Mas não vai ser igual, vai?*

— *Não. Nada é igual depois de se enxergar por dentro.*

Fiquei em silêncio. O som da casa era diferente agora.

Como se ela escutasse...

Como se esperasse...

— *E você?* — perguntei, tentando inverter o peso da conversa. — *Por que ficou aqui?*

Ele olhou para a janela. Lá fora, o céu era uma espécie de cinza que não pertencia a nenhuma hora do dia.

— *Porque precisei entender. Porque precisei lembrar. Porque... uma parte de mim queria não esquecer.*

— *Esquecer o quê?*

O velho não respondeu de imediato. Ele se levantou outra vez e caminhou até uma pequena gaveta sob a estante.

De lá, tirou um objeto envolto em tecido: era um espelho de mão. O vidro estava rachado, como se o tempo o tivesse partido devagar.

— Olhe — disse, me entregando.

Relutei, mas peguei. Meus olhos encontraram o reflexo. E ali, entre as rachaduras, vi algo que me paralisou:

meus traços... mas com rugas que não existiam.

Olhos mais fundos...

Um leve tremor nas mãos...

Um reflexo de mim que ainda não sou — ou que talvez já fui.

— O tempo aqui não é linha — disse ele. — É espiral.

Deixei o espelho sobre a mesa, tentando respirar fundo.

— Você está dizendo que... Eu sou você? Que estou... preso num ciclo?

— Não — ele respondeu, com leveza. — A casa sim.

— A casa?

Ele assentiu.

— *Ela tem fome por histórias. Por ecos. Por repetições. Mas também... por liberações.*

Senti um calafrio na nuca. Não de medo. De reconhecimento.

— *E se eu quiser quebrar isso?*

— *Então vai ter que lembrar tudo. Até o fim.*

— *E depois?*

Ele se inclinou um pouco, como se fosse me contar um segredo.

— *Depois... você decide se conta a alguém. Ou se recomeça.*

O fogo estalou mais alto na lareira. A casa suspirou.

Aos poucos, entendi: eu não era o primeiro a ouvir aquelas histórias.

Mas talvez fosse o primeiro a escrever o final...

17 de Outubro – Segunda Voz

Acordei no sofá. Não me lembro de ter dormido. A casa estava silenciosa demais — um tipo de silêncio que não existe no mundo lá fora.

O velho não estava mais na sala. A xícara vazia ainda repousava sobre a mesa, como uma peça esquecida de um jogo que eu não conhecia as regras.

Levantei devagar. Meus passos eram leves, mas o chão rangia como se sentisse cada pensamento meu. Fui até a cozinha. Vazia. Depois ao corredor. Foi aí que ouvi.

*Não um barulho. Uma voz.
Baixa. Quase um eco.*

— Você ainda não se lembra...

Parei. O som vinha de dentro da casa. Mas não era a voz do velho. Era... a minha.

— Ainda não... — repetia.

Meu coração acelerou. Me aproximei da porta do corredor. Ela estava entreaberta, como se alguém tivesse acabado de passar por ali.

Empurrei com cuidado.

Do outro lado, um corredor estreito se estendia, com quadros tortos e uma luz branca, amarelada.

O cheiro era o mesmo: pó, madeira velha e... alguma coisa que eu não sabia nomear.

A voz surgiu de novo.

— Você já esteve aqui.

Meus pés se moveram sozinhos. Cada passo ecoava dentro de mim como se eu reconhecesse o caminho, mesmo sem nunca tê-lo visto.

No fim do corredor, uma porta. Trancada. Mas quando toquei, ela se abriu.

Ali dentro, havia um quarto. Simples. Uma cama antiga, uma escrivaninha, uma estante com poucos livros. E um espelho, grande, encostado na parede.

Me aproximei. O espelho não mostrava meu reflexo.

*Ele estava escuro. Como se fosse feito de fumaça.
Toquei o vidro. E então... vi.*

Não com os olhos. Mas com algo dentro. Como se minha memória estivesse sendo puxada para fora de mim.

Vi um menino. Vi a mesma casa, anos atrás. Vi o velho mais jovem, sorrindo, lendo em voz alta.

E vi a mim... sentado à frente dele. Mas... não era eu agora. Era eu, antes. Ou depois.

Recuo...

O espelho clareia. E lá estou, com a mesma roupa que uso hoje, mas mais velho. Um olhar mais cansado. Mais... conformado.

A voz retorna.

— Você é o que resta. O que volta. O que precisa lembrar.

Cai de joelhos. Minha mente girava, e uma sensação de desencaixe tomou conta. Como se o corpo ainda fosse meu, mas a alma... estivesse desalinhada.

A porta se fechou sozinha atrás de mim.

Tentei gritar. Ninguém respondeu.

Só a minha voz. A segunda voz.

— Está tudo bem. Você é só o começo...

E então o espelho mostrou algo que me gelou:

Eu. Exatamente como estou. Sentado na poltrona da sala.

Com uma xícara na mão.

E um garoto parado à porta, me observando, assustado...

O mesmo olhar que eu sentia no meu rosto, agora refletido naquele menino.

Pisquei. A imagem sumiu. O espelho voltou a ser apenas um vidro rachado.

Meu rosto reapareceu, suado, pálido, sem saber se o que eu vira era real — ou parte da loucura dessa casa que parecia me engolir, um cômodo por vez.

A maçaneta da porta girou com um estalo leve. Girei para trás. O velho estava ali.

— Agora você viu — disse, com a mesma calma de sempre.

— Aquilo... era eu?

— Era. E não era. Era o que você vai ser. O que já foi.

Levantei com dificuldade. A cabeça doía.

— Isso não faz sentido nenhum. Não estou entendendo nada!

Ele se aproximou. Pousou a mão no meu ombro.

Pela primeira vez, senti peso naquela presença. Ele parecia maior. Como se a casa o fizesse crescer.

— *O entendimento vem tarde. Essa casa não quer explicações. Ela quer revelações. E elas sempre doem.*

— *Mas por quê? Por que eu?*

Ele me encarou. Havia uma ternura triste em seu olhar.

— *Porque você chegou. Só isso. Todos os que chegam, um dia, têm de ficar.*

— *E os que vão embora?*

— *Não existem.*

O silêncio entre nós durou segundos ou séculos. Impossível saber.

— *E se eu não quiser ser você? — perguntei. — E se eu resistir?*

O velho sorriu, pela primeira vez com melancolia sincera.

— Todos dizem isso. No início.

A casa rangeu em resposta. Como se risse. Como se tivesse ouvido cada palavra.

Ele me ofereceu a mão.

— Venha. Quero te mostrar a biblioteca. A parte que nem eu consegui entender por completo.

Engoli em seco. Segurei sua mão.

E seguimos por um novo corredor que eu juro... não estava ali antes...

Eu juro...

Não sei mais...

18 de Outubro – Reflexo que ficou

Havia um cheiro de papel úmido no ar. Umidade antiga. Daquelas que não vêm da chuva — mas do tempo parado.

A biblioteca parecia viva. Nenhuma janela.

Nenhum relógio. Só estantes que tocavam o teto, abarrotadas de livros em couro, tecido e madeira.

E o silêncio... o silêncio aqui não era vazio. Era denso. Como se houvesse vozes esperando para serem lidas.

— *Onde estamos?* — perguntei, sussurrando.

— *No lugar onde tudo que você viveu está guardado — respondeu o velho, com a voz cansada.* — *E o que ainda vai viver também.*

Caminhei entre as estantes, arrastando os dedos pelas lombadas. Nenhuma tinha título. Eram mudas por fora.

Mas ao tocar uma delas, senti um arrepio. Como se o livro soubesse quem eu era.

— Posso abrir?

— Pode. Mas se abrir, vai lembrar.

Engoli seco.

Puxei um livro ao acaso.

Pesado.

A capa era áspera, marcada pelo tempo. Sentei em uma das poltronas e abri.

A primeira página me travou a respiração.

Era a minha letra...

Minhas palavras...

Um parágrafo inteiro descrevendo o dia em que conheci meu avô.

O cheiro do café, o som da bengala batendo no chão da varanda, o modo como ele me contava histórias inventadas sobre fantasmas que moravam no forro da casa.

Eu não lembrava daquilo até ler. Mas ao ler... tudo voltou.

Com uma força dolorosa.

— *Eu escrevi isso?*

— *Não com as mãos. Mas com a alma. Cada lembrança sua já foi registrada aqui. A casa só organiza.*

Fechei o livro, com os olhos marejados.

— *Isso é impossível.*

— *O impossível só é impossível até que a gente se lembre dele — respondeu o velho, sentando-se ao meu lado com dificuldade.*

— *Essa biblioteca é feita de memórias que esqueceram como voltar.*

— *E por que tudo isso existe?*

O velho sorriu com a gentileza de quem já desistiu de entender, mas não de cuidar.

— Talvez porque algumas histórias são importantes demais pra serem perdidas. Mesmo que precisem ser vividas de novo. Por outra versão da gente.

— Então você... você já foi eu?

Ele não respondeu. Apenas fechou os olhos por um instante, como se revivesse algo.

— Já fui muitos. E talvez você seja o primeiro que pergunte isso sem medo.

Fiquei em silêncio.

O peso das palavras se misturava ao cheiro dos livros.

Tudo era denso ali.

Mas não ruim. Só... inevitável.

Levantei.

*Caminhei até uma pequena mesa no centro da sala.
Havia um livro lá.*

Aberto.

Só uma página preenchida.

— Este é o seu agora — disse ele. — A história que ainda está acontecendo.

Li as últimas linhas.

E estavam exatamente assim:

“O garoto lê suas memórias e, pela primeira vez, entende que o medo não é do que vem. É do que se repete.”

Fechei o livro...

E naquele instante, percebi: não era mais visitante...

Eu era...

parte do lugar...

19 de Outubro – Agora sou Eu

Acordei com o som da chaleira.

O cheiro de chá quente invadiu a casa como um sussurro familiar.

Levantei devagar, os músculos doíam como se tivessem vivido uma vida inteira em uma noite.

*A casa estava mais silenciosa do que o normal.
Silenciosa demais.*

Desci as escadas. A sala me esperava, exatamente como eu lembrava: poltrona, mesa, chaleira, duas xícaras.

O velho estava ali. Mas algo nele... tinha mudado.

O olhar estava mais vazio, como se algo dentro dele estivesse sendo levado embora, pedaço por pedaço.

— Dormiu bem? — perguntou com um sorriso frágil.

— Dormi. Mas... parece que sonhei com coisas que ainda não aconteceram.

Ele assentiu, como quem já esperava a resposta.

— É sempre assim no fim. As lembranças chegam antes.

— Fim? — repeti. — O fim de quê?

O velho me olhou como se não estivesse mais totalmente aqui.

Como se parte dele já estivesse no outro lado da porta — aquela que a casa não mostra.

— O fim da minha vez. O começo da sua.

Senti um frio na espinha. Me aproximei.

— Não, espera. Ainda não. Eu... ainda sou só um garoto. Eu nem sei por que entrei aqui.

— Mas agora sabe por que não vai sair.

O mundo pareceu girar. A casa inteira pareceu respirar com mais força. As estantes rangiam, as paredes vibravam com uma energia antiga.

— Eu não quero esquecer quem eu sou — falei, sentindo os olhos se encherem. — Eu não quero virar você.

Ele sorriu. Um sorriso triste. Mas belo.

— Você não vai virar eu. Vai virar você mesmo, de novo. E de novo. Até o tempo cansar da gente.

A pele dele estava ficando translúcida. Como se a luz da manhã o atravessasse. Como se o sol estivesse levando ele com o dia.

— Mas e se eu sair agora? E se eu correr?

— Pode tentar — ele disse, com serenidade. — Mas até a porta lá fora tem memória.

A chaleira apitou. Mas o som veio abafado. Como se viesse de longe.

Me ajoelhei diante dele. O rosto já era quase fumaça.

— Qual é o meu nome? — perguntei. — Antes disso tudo. Qual era meu nome?

Ele fechou os olhos. Uma lágrima desceu pela pele fina e desapareceu no ar.

*— Você me perguntou isso também, uma vez.
Nunca encontrei resposta. Talvez esse seja o último
mistério.*

Ficamos ali, em silêncio.

*A luz mudou.
E quando abri os olhos...*

Ele não estava mais.

Só a xícara...

Só o chá esfriando...

Só a cadeira ainda balançando, como se alguém tivesse acabado de levantar...

Levantei, atordoado... Um peso no peito.

O tipo de peso que não se explica...

Se sente...

Se aceita...

Olhei ao redor.

Tudo estava no lugar.

Mas eu não era mais o mesmo

Fui até a estante. Peguei um livro.

Abri...

*“E assim começa de novo.
O garoto entra na casa, sem saber o motivo.
O velho o recebe com chá.
Eles conversam.
Eles lembram.
Eles se despedem.
O ciclo nunca quis ser quebrado.
Só lembrado.”*

*Fechei o livro.
Sentei na poltrona.
Enchi uma xícara.
A porta rangeu.
Um garoto entrou.
Assustado.
Curioso.
Como eu.
Sorri.*

*— Não esperava visitas. Mas... que bom que veio.
Vamos conversar?*

*Dizem que algumas casas têm alma.
Não pelas paredes, nem pelo chão que range ou pelo
cheiro antigo de madeira esquecida.
Mas pelo que guardam. Pelo que repetem.
Esta casa... ela não pergunta quem você é.
Ela só observa.
Espera.
Escuta seus passos na varanda com a mesma calma
de sempre.
E então, quando você entra — sem saber por que
entrou — ela começa a lembrar por você.
Ela não quer que você entenda.
Ela quer que você sinta.
A perda. A confusão.
Aquela estranha familiaridade que não tem nome.
Talvez todos já tenhamos estado ali.
Talvez sejamos pedaços da mesma história,
contada com vozes diferentes.
Talvez o velho que serve chá, um dia, tenha sido
alguém como você.
Ou talvez ele ainda seja.
O tempo não morre.
Ele apenas troca de rosto.
E se um dia você ouvir uma porta se abrindo
sozinha...
Se sentir cheiro de chá vindo de uma casa que
parece fora do lugar...
Não corra.
Apenas entre.
E ouça.*

*A história sempre começa do mesmo jeito:
“Não esperava visitas.
Mas que bom que veio.”*

Para aqueles que já entraram em alguma casa e sentiram que nunca mais saíram de lá.

Talvez você esteja se perguntando o que era real, o que era sonho, ou se tudo isso foi apenas uma metáfora sobre crescer. Talvez tenha sentido que o velho era o futuro, o garoto era o passado, e a casa... o presente eterno em que nos perdemos sempre que esquecemos quem somos.

Mas Fragmentos de um Mesmo Homem não foi escrito para entregar respostas. Foi escrito para provocar memórias esquecidas — da infância, da perda, da saudade que não sabemos nomear.

Se você chegou até aqui, talvez tenha se visto em algum dos dois. Ou nos dois, ao mesmo tempo. A casa continua aberta.

E toda vez que você reler essas páginas, ela muda um pouco. Porque você muda um pouco.

*Obrigado por entrar.
Volte quando quiser.*

*A chaleira sempre vai estar no fogo.
Com gratidão e silêncio,*

R.S